

INVESTIGAÇÃO APRECIATIVA, SUSTENTABILIDADE E GENERATIVIDADE NO CONTEXTO DAS GRANDES TRANSFORMAÇÕES DA ATUALIDADE

APPRECIATIVE INQUIRY, SUSTAINABILITY AND GENERATIVITY IN THE CONTEXT OF TODAY'S MAJOR TRANSFORMATIONS

Rezilda Rodrigues Oliveira¹

Resumo: O objetivo deste artigo consiste em discorrer sobre a utilização da Investigação Apreciativa (IA) como parte intrínseca da temática da sustentabilidade, a partir de múltiplas fontes interdisciplinares que visam a dar suporte acadêmico e conceitual à futuras pesquisas e à formulação de uma promissora agenda de estudos. No desenvolvimento do trabalho, colocou-se a sustentabilidade como elemento básico da discussão que cerca as grandes transformações que estão acontecendo na atualidade. A escolha da IA decorre da necessidade de se dispor de uma perspectiva transformadora e contemporânea apropriada para se lidar com o enfrentamento dos desafios relativos aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e à Agenda 2030. Assim, destaca-se os primórdios da IA e demarca-se seu lugar em contextos de transformação, com apoio de estratégias de pesquisa-ação generativa cuja modelagem 5-D, em inglês (português): 1-D Definition (Definição), 2-D Discovery (Descoberta), 3-D Dream (Sonho), 4-D Design (Planejamento) e 5-D Destiny (Destino) se mostra apropriada à problemática da sustentabilidade. O estudo, por sua própria natureza, não é conclusivo e ainda requer mais investimentos de pesquisa, ainda por se fazer, sobretudo com a combinação de diferentes olhares e variações a serem atribuídas a IA diante dos grandes desafios decorrentes da problemática em questão.

Palavras-chave: Investigação Apreciativa; Ciência da Sustentabilidade; Pesquisa-ação Generativa.

Abstract: The aim of this article is to discuss the use of Appreciative Inquiry (AI) as an intrinsic part of the theme of sustainability, based on multiple interdisciplinary sources that aim to provide academic and conceptual support for future research and the formulation of a promising study agenda. In developing the work, sustainability was placed as a basic element of the discussion surrounding the major transformations taking place today. The choice of AI stems from the need for a transformative and contemporary perspective that is appropriate for dealing with the challenges of the Sustainable Development Goals (SDGs) and the 2030 Agenda. Thus, the beginnings of AI are highlighted and its place in contexts of transformation is demarcated, with the support of generative action-research strategies whose 5-D modeling: 1-D Definition, 2-D Discovery, 3-D Dream, 4-D Design and 5-D Destiny is appropriate to the problem of sustainability. The study, by its very nature, is not conclusive and still requires further research investment, especially with the combination of different perspectives and variations to be attributed to AI in the face of the major challenges arising from the issue in question.

Keywords: Appreciative Inquiry; Sustainability Science; Generative action.

1- Doutora em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Professora Associada da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Lattes: https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?sessionid=BD58108F340FF0CE41E60918C4E693BC.buscatextual_0, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2886-6346>, E-mail:

Introdução

Neste artigo se toma como referência as grandes transformações que cercam as organizações e o mundo na contemporaneidade para poder situar a temática da Investigação Apreciativa (IA) como objeto de estudo. Para tanto, leva-se em conta seu papel na gestão de mudanças e sua inserção no debate acerca dos grandes desafios da sustentabilidade (Seelos; Mair; Traeger, 2023; Moore *et al.*, 2018), considerando que os cientistas precisam estar preparados para lidar com dinâmicas emergentes e o “novo” no cenário das transições para a sustentabilidade. Focalizar a IA faz parte desse contexto em que se busca fundamentos que permitam analisar a catalisação das transformações requeridas em face das principais problemáticas enfrentadas pela humanidade na era recente.

Um dos questionamentos consiste em buscar a direção que será adotada rumo a um futuro sustentável como um campo de pesquisa das ciências da sustentabilidade (Seelos; Mair; Traeger, 2023; Chang *et al.*, 2017). Pressupõe-se que as transições para a sustentabilidade ensejam mudanças profundas em diferentes dimensões, quais sejam, tecnológicas, organizacionais, político-institucionais, econômicas, comportamentais e socioculturais (Markard; Raven; Truffer, 2012),

Por esta razão, defende-se que o estudo da IA se torna necessário quando se identifica situações em que mudança, resiliência, renovação e inovação social são mais do que emergentes e urgentes, requisitando olhar para esse fenômeno multidimensional sob a ótica da positividade e, sobretudo, da generatividade (Cooperrider; Fry, 2020; Kuenkel; Waddockos, 2019).

A discussão se torna interessante diante da imperatividade de se conhecer como diferentes atores podem recorrer a IA como uma estratégia que se identifica com a mudança, contando com várias partes interessadas, baseando-se em princípios de psicologia positiva e do comportamento organizacional positivo (Luthans; Youssef, 2007). Em especial, graças aos avanços pelos quais a IA vem passando, pode-se explorar questões de ordem transformacional, para além da positividade e fazer com que as organizações estejam comprometidas com a aprendizagem contínua, o crescimento e a mudança generativa (Watkins; Cooperrider, 2000).

Do micro, ao meso e ao macro contexto, as referências remetem à IA como uma abordagem transformacional que está em construção e tem evoluído na perspectiva de conhecer os pontos fortes de uma organização e sua capacidade de desafiar o *status quo* normativo. Barros-Pose (2013) faz menção ao envolvimento da IA com sua linguagem generativa e ao seu papel no aumento da conscientização sobre o sistema maior em que as organizações operam e se transformam graças a uma abordagem focada no que dá vida a um sistema, encoraja e inspira comportamentos colaborativos, mais pró-sociais e expansivos por parte de seus integrantes (Armstrong; Holmes; Henning, 2020).

Por seu turno, a transformação está intrinsecamente ligada ao compartilhamento de estratégias da organização com seus *stakeholders* (partes envolvidas), da mesma forma que está associada à mutualidade de benefícios expressos por meio de resultados positivos tanto para a organização como para a sociedade (Cooperrider *et al.*, 2013). Caso seja esta a intenção dos participantes, o instrumental da IA pode ajudar a promover o desafio do *status quo* normativo (Avital, 2010).

De acordo com a perspectiva delineada neste artigo, Hoffman e Haigh (2011) denotam que a delimitação dos fenômenos positivos da sustentabilidade faz parte da agenda de estudos que tentam explicar como pessoas e organizações podem florescer, mesmo em meio à adversidade (Armstrong; Holmes; Henning, 2020).

Assim sendo, mais particularmente, destaca-se a vertente dialógica da IA, que Bushe e Marshak (2015) descrevem como sendo uma abordagem e metodologia alinhada a processos de mudança, buscando-se identificar e analisar movimentos de ruptura por meio de novas conversas e narrativas organizacionais. Além disso, em termos da sustentabilidade, o enfoque dialógico da IA pode ser considerado um dos mais apropriados para se compreender como lidar com o enfrentamento de contextos desafiadores, sobretudo àqueles relacionados aos

Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e à Agenda 2030 (Palm; Lilja, 2021; Bushe; Marshak, 2015).

Segundo Kuenkel e Waddockos (2019), os ODS (e as maiores iniciativas de mudança de sistemas) podem ser interpretados como uma tentativa de mudar padrões disfuncionais de atividade na vida humana e socioecológica, em direção a padrões mais funcionais, mais florescentes, que funcionam melhor para todos, incluindo todos os seres vivos (abarcando os que não são humanos).

No campo da sustentabilidade, a IA surge como uma alternativa que se diferencia de estudos que se dedicam, compreensivelmente, apenas ao conteúdo técnico das transformações, para adentrar na esfera dos projetos de mudança transformadora nos sistemas humanos e organizacionais, através da generatividade, identificada com a motivação que se tem para moldar um futuro melhor coletivamente em comunidades de diferentes escalas. Para tanto, há todo um processo que remete à construção de possibilidades futuras, associadas à projeção de novas imagens, ideias e símbolos que mudam a maneira como as pessoas pensam e agem (Bushe, 2011).

Ante o exposto, o objetivo deste artigo consiste em discorrer sobre a utilização da Investigação Apreciativa (IA) como parte intrínseca da temática da sustentabilidade, a partir de múltiplas fontes interdisciplinares que visam a dar suporte acadêmico e conceitual à futuras pesquisas e à formulação de uma promissora agenda de estudos. Com isto, espera-se poder projetar o papel da IA nesse contexto de tendências emergentes e fornecer subsídios para sua aplicação em diferentes campos organizacionais identificados com a ciência da sustentabilidade.

Em particular, é interessante destacar que a ciência da sustentabilidade, na visão de Wiek e Lang (2016), pode ser diferenciada em dois fluxos de pesquisa distintos – um “descritivo-analítico” e um “transformacional”. Enquanto o primeiro está preocupado principalmente em descrever e analisar problemas de sustentabilidade, o segundo visa a desenvolver opções de solução apoiadas por evidências para resolver esses problemas. Mesmo com essa diferença fundamental, um não exclui o outro. Interessa saber que a ciência da sustentabilidade pode contribuir para resolver problemas complexos enfrentados por todos os envolvidos e quais são os desafios a serem superados. Para tanto, projetos que tenham sido desenvolvidos podem ser selecionados deliberadamente conforme um determinado perfil, sobretudo aqueles que os pesquisadores já estão intimamente familiarizados, seja por meio da participação direta seja por meio de estudos de observação e avaliação.

Neste sentido, a contribuição da IA e seus conteúdos temáticos, como é dito por Richards (2012), traz oportunidades de promover a construção de relacionamentos, coautoria de um futuro, reflexividade e significado de narrativas de mudança, sobretudo as que tratam da transformação social (Wittmayer *et al.*, 2019).

Segundo a linha de pensamento aqui explorada, a IA vincula-se a proposições teórico-metodológicas que consideram questões prementes da agenda de mudança global relativa à melhoria da saúde, da educação para a criação de comunidades sustentáveis e do desenvolvimento humano ligado à sustentabilidade (Lustig; Ringland. 2010).

No desenvolvimento do artigo, três seções estão sendo apresentadas: (a) a primeira demarca o surgimento da IA desde seus primórdios até o ponto em que sua aplicação começa a se destacar em contextos de transformação; (b) a segunda dedica-se à fundamentação das estratégias de utilização da IA por meio do modelo de 5-D, em inglês (português): 1-D *Definition* (Definição), 2-D *Discovery* (Descoberta), 3-D *Dream* (Sonho), 4-D *Design* (Planejamento) e 5-D *Destiny* (Destino); (c) a terceira expõe a culminância discursiva alcançada, tendo em vista a combinação dos diferentes olhares e variações que podem ser atribuídas à IA perante os grandes desafios decorrentes da problemática da sustentabilidade. O encerramento do artigo não traz propriamente considerações finais, mas sim coloca em evidência o que se pode fazer com o arcabouço teórico que foi apresentado.

Concepções teórico-empíricas e iniciação aos estudos da Investigação Apreciativa (IA)

Desde suas origens na década de 1980, a IA propôs uma agenda ativista de inovação social por meio da criação de conhecimento, valores orientadores centrados na vida e uma metáfora subjacente da vida como um milagre (Zandee; Cooperrider, 2008). Os proponentes da IA viram a possibilidade e a responsabilidade da ciência social em criar conhecimento que seja catalisador de processos de inovação e transformação social (Cooperrider; Srivastva, 1987).

Com efeito, os primórdios da IA nos anos 1980, na Case Western Reserve University, foram marcados não apenas por uma abordagem filosófica voltada para o desenvolvimento da pesquisa/mudança institucional, mas também assinalados como um método de pesquisa capaz de impulsionar a inovação social que se contrapunha a um modo convencional de investigação cujo ponto de partida consistia em enfocar algo errado e a ser corrigido (focado nos problemas por resolver). Afinal, desde o início, a IA sempre defendeu olhar prioritariamente para os pontos fortes e não para os déficits dentro de uma determinada comunidade ou um ambiente de prática (Cooperrider; Whitney; Stavros, 2009).

Com a IA, então, demarca-se o distanciamento da abordagem tradicional da organização e se estabelece uma mudança significativa de atitude e linguagem dedicada a interpretação de novas possibilidades de ação social por parte das organizações (Cooperrider; Whitney, 2006; Cooperrider; Srivastva, 1987). Desde então, observa-se o surgimento de um espaço generativo ligado à produção e reflexão de novas ideias, para além do positivo (Bushe, 2011). O Quadro 1 reproduz o contraste existente entre a visão tradicional de abordagem de uma organização e a contraposição posta pela perspectiva apreciativa.

Quadro 1. Dois paradigmas na abordagem organizacional e seus contrastes

Solução de problemas (visão tradicional)	Investigação Apreciativa (visão alternativa)
Enfoca a necessidade de identificar um problema	Investiga e dá valor ao melhor que há
Análise das causas do problema	Visualização do que pode ser ainda melhor
Análise e possíveis soluções	Diálogo e busca de possibilidades a serem exploradas e concretizadas
Planejamento de ação (tratamento)	
Presunção básica: Uma organização é um problema a ser resolvido	Presunção básica: Uma organização é um mistério a ser aceito

Fonte: Adaptado de Cooperrider e Whitney (2006, p. 14)

Assim, mostra-se que a IA vai além dos estudos tradicionais centrados no problema para identificar e construir conquistas passadas e pontos fortes existentes dentro de uma comunidade, através do consenso em torno de uma visão compartilhada do futuro e construção de estratégias e parcerias para alcançar essa visão (Duraiappah; Roddy; Parry, 2006). Como explicam os autores, essa abordagem acentua as limitações da resolução de problemas para a expansão dos horizontes e possibilidades humanas.

Ao longo do tempo e da diferenciação dos modelos tradicionais do pensamento organizacional, a IA foi se tornando cada vez mais avançada no gerenciamento de mudanças até alcançar seu potencial transformador. O trabalho de Bushe e Kassam (2005) aponta as duas razões fundamentais para isto acontecer, considerando que a IA adota: a) um foco em mudar a forma como as pessoas pensam em vez do que as pessoas fazem; e (b) um foco no apoio a processos de mudança auto-organizados que fluem de novas ideias. Em ambas, a

generatividade constitui uma alavanca para a mudança transformacional.

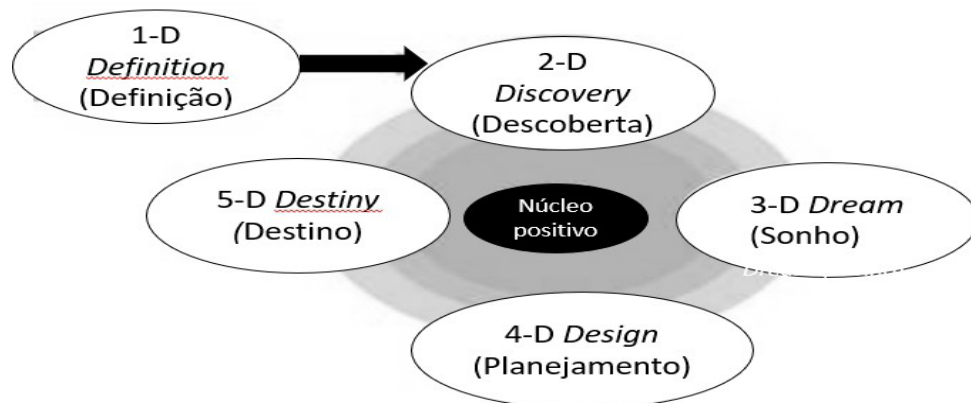
O paradigma da transformação, ou melhor, dizendo da inovação transformadora que se registra no âmbito da abordagem da IA, nas palavras de Bright, Fry e Cooperrider (2013), deriva de uma manifestação particular de generatividade aplicada às organizações e a interseção dos negócios com a sociedade mediante iniciativas sociais, ambientais, éticas ou similares como parte integrante de suas missões estratégicas e a mobilização das várias partes interessadas em torno de um processo de mudança.

A resposta para o alcance dessa aliança envolvendo *stakeholders*, conforme a perspectiva apreciativa, parte da suposição de que alguns requisitos precisam ser atendidos visando ao engajamento de todos desde a formulação até a implementação da mudança (Bushe, 2011). Para tanto, torna-se preciso conhecer um processo formado por cinco estágios, chamado de modelo de 5-D proposto por Cooperrider, Whitney e Stavros (2009), como segue na próxima seção.

Estratégias de aplicação da IA e o modelo de 5-D

O domínio empírico da aplicação da IA reside no desenho teórico-empírico entendido como sendo o modelo de 5-D, exposto na Figura 1. Note-se que, embora parte da literatura faça menção ao modelo de 4-D, como originalmente foi citado por Cooperrider; Whitney e Stavros (2009), a literatura menciona a introdução de mais um D que efetivamente inicia o ciclo apreciativo e significa a Definição, que deve ser pertinente com os objetivos do estudo, a delimitação de seu escopo e quem serão os participantes a serem envolvidos (Zoll *et al.*, 2021).

Figura 1. Modelo de 5-D



Fonte: adaptado de Cooperrider; Whitney e Stavros (2009)

Os estágios e todos os processos relacionados ao modelo de 5-D passam por uma dinâmica complexa em que cada “D” está conectado de forma circular e reflexiva, associados a questões que são exploratórias, nascidas de processos dialógicos, interacionais e, portanto, fluídos, mas exibindo ordem subjacente (Hornstrup; Johansen, 2009). Cada “D” tem seus próprios descritores e objetivos, dos quais derivam um conjunto de perguntas orientadoras referentes a conteúdos positivos e generativos mediante o uso de determinados procedimentos metodológicos mediados pelo construcionismo social e pela vertente dialógica da IA.

No modelo de 5-D também reside a perspectiva de que toda organização tem um núcleo positivo, que agrega pontos fortes, valores, visões, grandes realizações, ativos tangíveis e intangíveis, tradições vitais e melhores práticas encontradas em seu interior (Cooperrider; Whitney, 2006). O núcleo positivo ocupa uma posição central (Figura 1), de onde se irradia a força que catalisa o pensamento e o diálogo sobre as possibilidades positivas de todo o sistema (Olivieri, 2020).

Segundo Whitney e Gibbs (2006), isto requer um acerto dialógico feito entre os participantes do processo, de tal sorte que o ciclo pode ser tão rápido e informal como uma conversa com um amigo ou tão formal e a longo prazo, vivenciado em uma organização, indo até uma escala comunitária envolvendo diferentes grupos de interessados (ou partes deles). Como cada organização é única e tem sua própria identidade, o modelo de 5-D geralmente é concebido, delineado e realizado conforme o contexto, o tempo, a situação e os proponentes, ou seja, aqueles que serão envolvidos, aquilo que é estudado e a forma pela qual o processo será conduzido (Whitney; Gibbs, 2006).

Whitney e Trosten-Bloom (2010) relatam que o processo envolve reuniões de cúpula, entrevistas e *workshops* mobilizadores em massa engajando desde pessoas em organizações até grupos de uma cidade inteira. Os autores citam o caso do envolvimento de pequenos grupos de enfermeiros que entrevistam colegas dentro de seu hospital e outros hospitais. Também se referem à realização de entrevistas simultâneas entre trabalhadores de uma fábrica, com a formação de grupos de diferentes níveis técnicos e gerenciais, incluindo a cúpula.

Já o relato de Guix e Font (2022), a respeito da consulta de *stakeholders* em políticas públicas em um contexto transnacional do turismo na Comissão Europeia, denota que eles desenvolveram uma pesquisa-ação generativa e participativa, fundada na psicologia positiva, a partir da qual colocaram teoria e prática juntas para encontrar soluções para problemas prementes do mundo real. Por meio do modelo de 5-D, os autores introduziram os elementos humanos de propriedade e legitimidade para a política em questão, facilitando a avaliação dialógica e transparente da materialidade dos temas por eles abordados. A conclusão a que chegaram é de que a IA muito contribuiu para o sucesso no envolvimento das partes interessadas, o qual é complexo e deve ser visto como central para identificar, compreender e problematizar de forma colaborativa o que constitui uma questão política (Guix; Font, 2022).

Para Verleynsen, Lambrechts e Van Acker (2015), na verdade, a aplicação do modelo de 5-D significa uma atividade de intervenção voltada para guiar um processo de mudança, desde que haja um indicativo de que existe clara articulação e propósito de todos no aproveitamento do potencial de transformação existente, expressando que realmente se deseja o desenvolvimento de um sistema humano, organizacional ou institucional. Deve-se dizer que a IA remete à construção social de um futuro compartilhado, oriundo de imagens antecipatórias positivas das possibilidades que motivam as pessoas a agir (Cooperrider; Whitney; Stavros, 2009).

Isto acontece quando o impacto generativo da IA se junta à natureza positiva que deve existir na produção de novas possibilidades e no que compele as pessoas à ação (Oxendine; Robinson; Parker, 2022). Porém, é importante saber que todas as estruturas do modelo da IA devem ser colaborativas, envolventes e emergentes, observando-se a busca por equilibrar a energia dos participantes com a natureza adaptativa do processo à medida em que o mesmo se desenrola (Cockell; McArthur-Blair; Schiller 2020). Sem estas condições não há como avançar.

Para Laszlo, Cooperrider e Fry (2020), o uso da IA em tempos de sustentabilidade requer o uso de estruturas e ferramentas emergentes e renovadas, sendo esperado que haja materialidade, circularidade e generatividade.

Priest *et al.* (2013) sugerem que o modelo de 5-D pode ser ilustrado por exemplos em que se observou seu uso para liderar mudanças em uma variedade de situações organizacionais, nas quais se faça necessário identificar os pontos fortes para alavancar e redesenhar a organização visando a torná-la mais eficaz e sustentável.

No modelo de 5-D, o ciclo apreciativo parte da definição do que se deseja investigar e mudar (1-D), com base na formulação de tópicos afirmativos que representam o aspecto mais estratégico de qualquer processo de IA. Basicamente, há uma crença de que os sistemas humanos crescem em direção ao que eles estudam, falam e focam. O tópico afirmativo envolve as partes interessadas na concepção daquilo que será objeto do estudo e da ambiência onde o mesmo será realizado, ao lado de uma zona de convergência para as pessoas poderem se conectar, cooperar e cocriar (Cooperrider; Whitney; Stavros, 2009).

Na descoberta (2-D), busca-se revelar as facetas positivas de um evento ou atividade organizacional, identificar os mecanismos para aprimorá-los ou melhorá-los, para além do que funciona bem, com base nas narrativas de sucesso. É interessante assinalar que neste

momento se identifica e mobiliza o núcleo positivo, pois o diálogo transcorre em torno das fortalezas, sucessos, valores, esperanças e sonhos que instigam a transformação (Acosta; Tur; Mustelier, 2018). A descoberta consiste também em se focalizar as experiências das pessoas em seu grupo, organização ou comunidade, olhando para seus aspectos mais vitais e o que tornou essas experiências possíveis. Algumas revelações resultam da análise das realizações e das tradições vitais que lhe dão sustentação e são perceptíveis no desenho do núcleo positivo (Cooperrider; Whitney; Stavros, 2009).

No sonho (3-D), imagina-se futuros ideais e inovações, estimula-se o grupo a ir além do conhecido, formando uma ponte entre os objetivos passados e futuros. Deve-se projetar e expandir as aspirações de mudança, desafiar o *status quo* e construir sinergia. As abordagens inovadoras precisam ser, então, mapeadas para transformar o sonho em realidade (Boyd; Bright, 2007). Devido à generatividade no estágio do sonho, dela deve emergir a criação de uma visão que traga à tona as aspirações coletivas das partes interessadas. Para o IISD (2000), o questionamento feito foi: que mundo queremos criar?

No planejamento (4-D), delinea-se iniciativas que sejam voltadas para articular o que deve ser colocado em prática para apoiar a visão de futuro traçada no 3-D. O resultado desta fase pode ser transformado em estratégias, processos e sistemas necessários à consecução do sonho (Kelly, 2010), respeitando valores e aspirações coletivos.

Geralmente, os participantes são encorajados a criar descrições práticas e acionáveis de estruturas, processos e comportamentos aderentes à realização do sonho coletivo, com a consequente necessidade de viabilizar a mudança contando com apoios e recursos. Devem ser criadas declarações de *design* que sejam provocativas e ampliem ou desafiem o *status quo*. Mas, o fundamental é que sejam desejadas e apoiadas por todos, começando pela alta cúpula (Filleul; Rowland, 2006).

No destino (5-D), fala-se de entregar mudanças por meio da implementação dos planos e propostas decorrentes de um *design* que tenha sustentabilidade, seja instrumento de capacitação, aprendizagem e tradução em planos, projetos e ações planejadas. Isto implica dizer que o ciclo apreciativo precisa ser também monitorado e avaliado, de sorte que venha a evoluir rumo à implementação (Coghlan; Preskill; Catsambas, 2003),

Porém, o mais importante é que haja apoios, recursos e mobilizações nascidas desde as fases precedentes (2-D, 3-D e 4-D), que garantam o fortalecimento da capacidade do sistema para suportar a chegada do novo *design* gerador do propósito decorrente do *feedback* positivo a cada etapa percorrida (Cooperrider; Whitney, 2006).

Embora a força do modelo de 5-D resida na gestão da mudança, é bom dizer que a ideia subjacente à IA consiste em não só propor mudanças, mas em inovar, reunir, conversar e criar relacionamentos. Importa também explorar a natural capacidade de cooperação existente em um sistema (Ludema; Fry, 2008).

Esse conjunto formado pelo ciclo apreciativo é operado por meio da pesquisa-ação delineada pelo modo não tradicional (ver Quadro 1), que veio se aperfeiçoando até chegar ao campo da sustentabilidade e da inovação social (Moriggi, 2022; Laszlo; Cooperrider; Fry, 2020; Moore *et al.*, 2018). Deste modo, as abordagens mais recentes fazem uma releitura da IA e do modelo de 5-D, reinterpretando a suposição de que cada organização ou grupo tem um núcleo positivo que gera a energia “renovável” para a transformação.

O estudo de Moriggi (2022) propõe a utilização de um *ethos* da apreciação que avaliza os modos de coprodução de conhecimento orientados para a ação graças aos avanços interdisciplinares e o incentivo dado às estratégias participativas inerentes à natureza complexa e multidimensional dos problemas socioecológicos do século XXI.

Assim, um *ethos* da apreciação qualifica a IA como uma pesquisa transformadora conforme as cinco dimensões, cujos pressupostos e práticas ilustrados no Quadro 2. A prática da IA eleva-se aos patamares da ciência da sustentabilidade quando se inclina perante os problemas socioecológicos em articulação com diferentes disciplinas e envolvendo atores sociais em processos de pesquisa abertos e inclusivos (Moriggi, 2022).

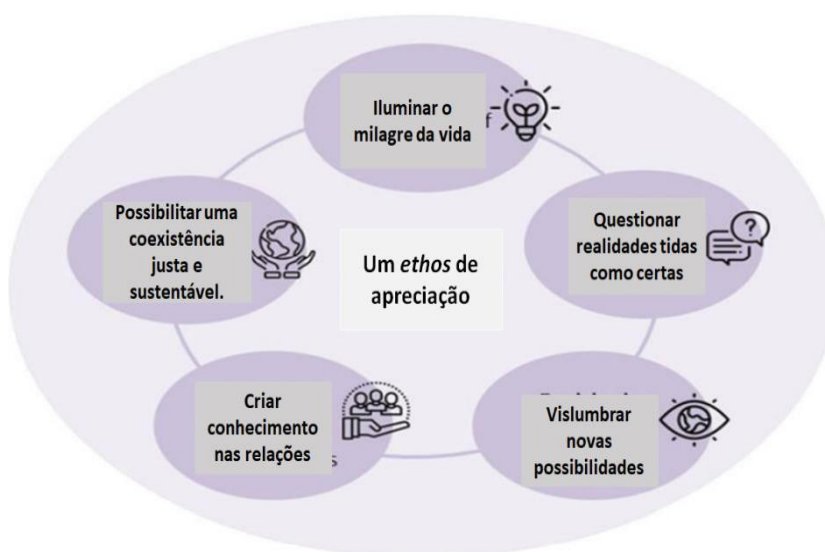
Quadro 2. *Ethos da apreciação* (cinco dimensões)

Dimensões	Pressupostos e Significados
Iluminar o milagre da vida	Aceitar que a vida é misteriosa e, como tal, deve ser apreciada com admiração e abertura na investigação
Questionar realidades tidas como certas.	Estar disposto a desafiar padrões habituais de pensar e agir, bem como estar aberto e curioso para usar a imaginação e a disponibilidade para pensar, livremente, a respeito das mudanças
Vislumbrar novas possibilidades	Adotar a prática de acolher as infinitas possibilidades que existem ao se imaginar e interagir com diferentes mundos sociais
Criar conhecimento nas relações	Compreender que a existência humana é fundamentalmente relacional. Em vez de olhar apenas para a agência humana, é preciso focalizar os relacionamentos e ver os outros como cocriadores vitais de nossa mente, nosso eu e nossa sociedade
Possibilitar uma convivência justa e sustentável	Ir além da visão antropocêntrica e dar espaço à abordagem ecocêntrica que diz respeito à consciência da interdependência em relação a todas as formas de vida

Fonte: adaptado de Moriggi (2022) e Zandee e Cooperrider (2008).

Outra maneira de apresentar o *ethos* da apreciação está exposta na Figura 3, cujo desenho ilustra os temas das narrativas que devem estar presentes naquilo que as pessoas consideram ser importante (Grenni; Horlings; Soini, 2020). Esse olhar também pode subsidiar a realização de estudos crítico-reflexivos e qualitativos, em que as considerações éticas acerca do que deve ser feito partam da produção de conhecimento com base no que é “bom”, “certo” e “belo” (Fazey *et al.*, 2020).

Figura 3. *Ethos da apreciação*



Fonte: adaptado de Moriggi (2022) e Zandee e Cooperrider (2008).

Em paralelo, essa corrente de pensamento também apregoa uma ética do cuidado, que envolve a atenção para com a Terra, de maneiras transformacionais, a exemplo do que já se faz com os cuidados médicos e da enfermagem, de modo a tornar possíveis as transformações

para a sustentabilidade, circundada por um conjunto de valores morais e uma gama de práticas através das quais a pesquisa possa contribuir para a mudança transformadora. Seria bom, então, repensar o modelo atual de desenvolvimento e a adotar uma linguagem de interconexão entre o cuidado e a biosfera, que reivindica uma nova narrativa. Nessa discussão, o foco deve passar de uma visão de mundo egocêntrica e antropocêntrica para conviver com uma visão ecocêntrica (Moriggi *et al.*, 2020).

Segundo essa concepção, a IA não seria meramente uma abordagem nem uma metodologia, mas de uma forma de ampliar a visão do pesquisador para que inclua o possível e produza uma teoria generativa para a construção colaborativa da realidade que está em constante evolução (Moriggi, 2022).

Neste ponto, cabe citar que Grandy e Holton (2010) consideram a IA como uma abordagem particularmente útil em contextos institucionais baseados em valores, como é o caso das organizações que têm propósito social e normativo, com preocupações associadas às demandas societais e ao desafio do *status quo* (Nilsson, 2015; Van Osch; Avital, 2010). Desse referencial, extrai-se o uso de práticas exploratório-descritivas de pesquisa discursivas e colaborativas, baseadas no diálogo e em formas de inteligibilidade do presente e avaliação acerca do que se deseja ver realizado no futuro (Whitney; Trosten-Bloom, 2010; Gergen, 1994).

Trata-se, então, de se trabalhar na preparação do pesquisador para fazer face a uma exploração teórica e empírica do papel central da experiência de indivíduos e grupos observada na criação e manutenção de organizações que se tornam influentes, adaptativas e positivas (Nilsson; Paddock, 2014). Assim, ao se procurar estabelecer uma correlação vinda da teoria apreciativa, deve-se antecipar que não se aborda as organizações como meros objetos de estudo, mas sim como parceiras ativas na criação de conhecimento (Lundgren; Jansson, 2016), tendo ao centro o protagonismo de variados atores que tenham vivenciado experiências como agentes de mudança interessados na transformação institucional e social.

Para Haxeltine *et al.*, (2017), as narrativas de uma mudança podem expressar como determinados atores enfrentam esses desafios em contextos institucionais examinados por meio de um processo de apreciação em interação dialógica a ser mantida entre agentes e pesquisadores, não obstante se deva reconhecer a tensão dialética dessa discussão. Ou seja, àquela que ocorre quando as pessoas comparam e contrastam fenômenos diferentes, aos quais diferentes atores criam e lhes atribuem significado (Nyaupane; Poudel, 2012). Para captá-los, a IA coloca o pesquisador diante do domínio da linguagem, das conversas, narrativas e histórias dos membros de uma organização que tenha olhares e identificação com o discurso positivo envolvido em um dado processo de transformação. Essencialmente, busca-se descobrir quando os participantes se reconhecem como cada vez mais vivos e afirmativos, mais eficazes, mais construtivos e capazes em termos econômicos, ecológicos e humanos (Cooperrider; Whitney, 2006). Sem isto, não há como avançar.

Inclusive, o ideal é que se consiga fazer a identificação do catalisador que impulsiona mudanças, suas características e o senso de propósito dos agentes (Laszlo; Cooperrider; Fry, 2020; Sharp; Barrie; Meyer, 2018; Watkins; Dewar; Kennedy, 2016). Entretanto, é importante reconhecer as implicações referentes ao fato de as pessoas terem que pensar acerca de si mesmas e das estruturas institucionais em que vivem através de um discurso social mediado por uma dada narrativa (Gergen, 1985).

Aliás, um estudo seguindo a linha apreciativa leva a se investigar como surge uma propriedade emergente de transformação, sobretudo em organizações vivas, positivas e sustentáveis (Alexander, 2005). Para se prosperar em termos de uma agenda de sustentabilidade, sistemas complexos emergentes requerem tomada de decisão baseada na ciência combinada com abordagens baseadas na percepção de sistemas inteiros em tempo real, intencionalmente generativas (Kuenkel; Waddock, 2019).

A IA constitui uma delas, tendo como objeto o foco dedicado às instituições positivas, entendidas como àquelas que não apenas elevam as mais altas forças humanas e organizacionais como também as conduzem rumo à construção de um mundo de florescimento de espectro completo, abrangendo praticamente todos os setores da economia, incluindo empresas com fins lucrativos, organizações sem fins lucrativos, governo e sociedade civil (Laszlo;

Cooperrider; Fry, 2020). Para os autores, as instituições positivas são a chave para um mundo florescente, cujo alcance só pode ser alcançado combinando os pontos fortes dos atores sociais e organizacionais.

Em face das grandes transformações da sustentabilidade, o diálogo constitui o caminho traçado pela IA que compreende três processos: (1) uma nova interpretação narrativa da construção social contínua da realidade em estreita dependência com a percepção que se deve ter acerca da complexidade e contingência do desenvolvimento sustentável; (2) a adesão a um processo de mudança que dá espaço às narrativas consentâneas com essas ideias emergentes; e (3) a geração de imagens que propiciem alternativas novas e atraentes para se pensar e agir diante da agenda da sustentabilidade e os contextos transformacionais (Bushe; Marshak, 2015).

Neste ponto, chega-se à culminância alcançada no artigo ora apresentado, em que a delimitação da IA foi feita como uma abordagem transformacional, cuja aplicação, é bom dizer, não se restringe apenas ao modelo de 5-D e abrange o desenvolvimento de muitas outras compreensões do mundo que fornecem as bases para presunções compartilhadas em relação à realidade, aqui não contempladas por questões de espaço.

Tudo começa com a apreciação, que deve ser colaborativa, provocativa e aplicável a cada contexto em que se insere o modelo de 5-D (Kessler, 2013), desde a formulação de novos processos de pensamento até a adoção de práticas identificadas com a transformação de sistemas, conjugados com fatores que possam aumentar a eficácia dos resultados a serem alcançados.

À Guisa de Considerações Finais

Como exposto no último parágrafo da seção anterior, há variadas gradações relativas à teorização apreciativa, a qual deve ser vista como uma ferramenta de investigação cuja aplicação pressupõe o uso de uma estratégia flexível, inclinada à adequação ao objeto de estudo e complementada por quaisquer outras ferramentas que estejam disponíveis e que pareçam ser úteis. Este é o caso a ser considerado, tendo em vista que o exercício consiste em aprender e utilizar novas formas de pensar e abrir novas direções relativas ao enfoque de pesquisa sobre transições para a sustentabilidade, dentre elas, as que se referem à pesquisa cocriativa e transformacional na esfera da ciência da sustentabilidade. Por ser um campo nascente, é natural que haja falta de familiaridade, treinamento e oportunidades a serem dadas aos pesquisadores, incluindo questões de incerteza e reconhecimento acerca de como lidar com o desconhecido (Wiek *et al.*, 2012).

No que se refere a uma agenda de sustentabilidade, há muito ainda por investir. Seelos e Mair (2012) sugerem um longo percurso por se fazer a fim de melhor enxergar determinados tipos de fenômeno, a exemplo do que se deseja estudar e aguçar a percepção do pesquisador. Ao que parece, será o contato com a realidade que permitirá desvendar a existência de um catalisador da mudança institucional e se há todas as condições para se conhecer bem o desafio do *status quo*, criar uma sensação de possibilidades e, assim, abrir novos *scripts* para o pensamento e a ação (Zandee; Vermaak, 2012).

O próximo passo, após a abertura do *framework* até aqui utilizado, consiste em verificar que caminho metodológico adotar segundo a lógica apreciativa, embora não se saiba exatamente que etapas percorrer, dado que, em neste tipo de estudos, elas somente vão se tornando mais claras na medida em que se conhece melhor o contexto estudado, bem como as possibilidades de sua evolução (Souza; McNamee; Santos, 2010).

Porém, aqui está posto um caminho analítico apoiado pela IA, com seu potencial dialógico e reflexivo, interpretado como uma das portas de entrada que leva ao conhecimento de narrativas de mudanças com seus conteúdos significativos a serem analisados e que explicitem como se dá o processo de criação de novas ideias, imagens e esquemas reflexivos relativos a resultados úteis para os pesquisadores nesta seara do conhecimento acerca da

pesquisa transformadora (Yudarwati, 2019).

Como dito na parte introdutória do artigo, elaborou-se um arcabouço sugestivo do que se pode fazer daqui para frente, sendo um deles o que se refere às narrativas de mudança. Deste modo, o desenvolvimento de uma abordagem narrativa tem relevância expressiva para estudos de construção de sentido e mudança, procurando-se focalizar significados múltiplos e muitas vezes conflitantes em torno de questões relativas a mudanças e como elas se desdobram (Veland *et al.*, 2018; Maitlis; Christianson, 2014). A abordagem narrativa envolve recortes vinculados à experiência humana, retratada tanto na forma oral como na escrita (Butina, 2015).

Diante do material obtido nesse emaranhado conceitual e temático, argumenta-se que a contribuição dada pela IA deve ser reconhecida como necessária, porquanto se está lidando com intervenções sociais complexas que transcorrem em sistemas sociais em transição para a sustentabilidade. Neste ponto, uma das contribuições deste trabalho se volta para a geração de aportes em termos de uma revisão de literatura em que as fontes de conhecimento estão entrelaçadas e marcadas pela possibilidade de agir sobre os resultados que forem gerados ao longo de uma agenda de pesquisa ainda em desenvolvimento (Pawson *et al.*, 2003).

Deste modo, é razoável dizer que a preocupação com as limitações deste tipo de trabalho reside mais no processo do que nos resultados e se concentra no futuro de uma pesquisa que compreende a metáfora dos grandes desafios, dado o fenômeno da mudanças e transformações da sustentabilidade, incluindo o campo da gestão e da gerência, conforme sugerido por Seelos, Mair e Traeger (2023).

Em outras palavras, os resultados estão ligados à produção de referentes teóricos e empíricos e à definição dos atributos compartilhados por um mesmo fenômeno que podem exigir o envolvimento e aproximações de mais perto por parte do pesquisador e, ao mesmo tempo, estimular sua curiosidade sobre literaturas e domínios de pesquisa desconhecidos. Um dos exemplos desse atributo consiste em aprender a traduzir o contexto social complexo e adequá-los aos fenômenos concretos a serem investigados, reputando o envolvimento de um conjunto diversificado de partes interessadas como uma das formas mais adequadas acerca de como uma pesquisa pode ser conduzida.

Referências

ACOSTA, A. D.; TUR, R. G.; MUSTELIER, R. I. La indagación de lo positivo. Otra mirada al diagnóstico de necesidades. **Editorial Académica Universitaria & Opuntia Brava**, p. 2301-2319, 2018.

ALEXANDER, E. R. What do planners need to know? Identifying needed competencies, methods, and skills. **Journal of architectural and planning research**, p. 91-106, 2005.

ARMSTRONG, A. J.; HOLMES, C. M.; HENNING, D. A changing world, again. How Appreciative Inquiry can guide our growth. **Social Sciences & Humanities Open**, v.2, n. 1, 2020.

AVITAL, M. Innovation through Generative Design. In: HOLMBERG, L.; REED, J. (Eds.). AI Research Notes, **AI Practitioner**, v. 12, n. 1, p. 30-41, May 2010.

BARROS-POSE, I. The Evolution of Appreciative Inquiry: A Novel Approach in the Making. In: David L. Cooperrider, Danielle P. Zandee, Lindsey N. Godwin, Michel Avital e Brodie Boland (Eds.), **Organizational generativity: The appreciative inquiry summit and a scholarship of transformation**. Bingley: Emerald Group Publishing Limited, 2013.

BOYD, N. M.; BRIGHT, D. S. Appreciative inquiry as a mode of action research for community psychology. **Journal of Community Psychology**, v. 35, n. 8, p. 1019-1036, 2007.

BRIGHT, D. S.; FRY, R. E.; COOPERRIDER, D. L. Exploring Transformative Innovation Through a World Inquiry. In: David L. Cooperrider; Danielle P. Zandee, Lindsey N. Godwin, Michel Avital e Brodie Boland (Eds.), **Organizational generativity: The appreciative inquiry summit and a scholarship of transformation**. Bingley: Emerald Group Publishing Limited, 2013.

BUSHE, G. R. Appreciative inquiry: Theory and critique. In: BOJE, D.; BURNES, B.; HASSARD, J. (Eds.), **The Routledge companion to organizational change**. Oxford: Routledge, 2011.

BUSHE, G. R.; KASSAM, A. F. When is appreciative inquiry transformational? A meta-case analysis. **Journal of Applied Behavioral Science**, v. 41, n. 2, p. 161-181, 2005.

BUSHE, G.; MARSHAK, R. J. **Dialogic organization development: The theory and practice of transformational change**. Oakland: Berrett-Koehler, 2015.

BUTINA, M. A narrative approach to qualitative inquiry. **Clinical Laboratory Science**, v. 28, n. 3, p. 190-196, 2015.

CHANG, R. D.; ZUO, J.; ZHAO, Z. Y.; SOEBARTO, V.; ZILLANTE, G.; GAN, X. L. Approaches for transitions towards sustainable development: status quo and challenges. **Sustainable Development**, v. 25, n. 5, p. 359-371, 2017.

COCKELL, J.; MCARTHUR-BLAIR, J.; SCHILLER, M. **Appreciative inquiry in higher education: A transformative force**. Altona: Friesen Press, 2020.

COGHLAN, A. T.; PRESKILL, H.; CATSAMBAS, T. An overview of appreciative inquiry in evaluation. **New Directions for Evaluation**, n. 100, p. 5-22, 2003.

COOPERRIDER, D. L.; FRY, R. Appreciative Inquiry in a Pandemic: An Improbable Pairing. **The Journal of Applied Behavioral Science**, v. 56, n. 3, p. 266 -271, 2020.

COOPERRIDER, D. L.; SRIVASTVA, S. The gift of new eyes: personal reflections after 30 years of appreciative inquiry in organizational life. In: RAMI, A. B. e NOUMAIR, D. A. (Eds.), **Research in Organizational Change and Development**. Bingley: Emerald Publishing Limited, 2017. V. 25.

COOPERRIDER, D. L.; WHITNEY, D. **Investigação apreciativa: uma abordagem positiva para gestão de mudanças**. Rio de Janeiro: QualityMark, 2006.

COOPERRIDER, D. L.; WHITNEY, D.; STAVROS, J. M. **Manual da Investigação Apreciativa - Para Líderes da Mudança**. Rio de Janeiro: Qualimark, 2009.

COOPERRIDER, D. L.; ZANDEE, D. P.; GODWIN, L. N.; AVITAL, M.; BOLAND, B. Preface. In: David L. Cooperrider; Danielle P. Zandee, Lindsey N. Godwin (Editor), Michel Avital e Brodie Boland (Eds.), **Organizational generativity: The appreciative inquiry summit and a scholarship of transformation**. Bingley: Emerald Group Publishing Limited, 2013.

DURAIAPPAH, A. K.; RODDY, P.; PARRY, J. E. **Have Participatory Approaches Increased Capabilities?** Manitoba: International Institute for Sustainable Development (IISD), 2006.

FAZEY, I.; SCHÄPKE, N.; CANIGLIA, G.; HODGSON, A.; KENDRICK, I.; LYON, C.; SAHA, P. Transforming knowledge systems for life on Earth: Visions of future systems and how to get there. **Energy Research & Social Science**, n. 70, p. 1-18, 2020.

FILLEUL, M.; ROWLAND, B. Using appreciative inquiry in the Vancouver School District: A positive approach to enhance learning. **BC Educational Leadership Research**, p. 1-10, 2006.

GERGEN, K. J. Exploring the postmodern: Perils or potentials? **American Psychologist**, v. 49, n. 5, p. 412-423, 1994.

GERGEN, K. J. Social constructionist inquiry: Context and implications. **The social construction of the person**, p. 3-18, 1985.

GRANDY, G.; HOLTON, J. Mobilizing change in a business school using appreciative inquiry. **The Learning Organization**, v. 17, n. 2, p. 178-194, 2010.

GRENNI, S.; HORLINGS, L. G.; SOINI, K. Linking spatial planning and place branding strategies through cultural narratives in places. **European Planning Studies**, v. 28, n. 7, p. 1355-1374, 2020.

GUIX, M.; FONT, X. Consulting on the European Union's 2050 tourism policies: An appreciative inquiry materiality assessment. **Annals of Tourism Research**, v. 93, p. 1- 13, march 2022.

HAXELTINE, A.; PEL, B.; WITTMAYER, J.; DUMITRU, A.; KEMP, R.; AVELINO, F. Building a middle-range theory of Transformative Social Innovation; theoretical pitfalls and methodological responses. **European Public & Social Innovation Review**, v. 2, n.1, p. 59-77, 2017.

HOFFMAN, A. J.; HAIGH, N. Positive Deviance for a Sustainable World: Linking Sustainability and Positive Organizational Scholarship. In: SPREITZER, G. M.; CAMERON, K. S. (Eds.). **The Oxford Handbook of Positive Organizational Scholarship**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

HORNSTRUP, C.; JOHANSEN, T. From appreciative inquiry to inquiring appreciatively. **AI Practitioner**, v. 11, n. 3, p. 7-15, 2009.

IISD. International Institute for Sustainable Development. **Appreciative inquiry**. Ministerial Conference on Environment and Development in Asia and the Pacific, Kitakyushu, Japan, 2000.

KELLY, T. A positive approach to change: the role of appreciative inquiry in library and information organisations. **Australian Academic & Research Libraries**, v. 41, n. 3, p. 163-177, 2010.

KESSLER, E. H. (Ed.). The Appreciative Inquiry Model. In: **Encyclopedia of Management Theory**. New Delhi: Sage Publications, 2013.

KUENKEL, P.; WADDOCK, S. Stewarding aliveness in a troubled earth system. **Cadmus**, v. 4, n. 1, p. 14-38, 2019.

LASZLO, C.; COOPERRIDER, D.; FRY, R. Global challenges as opportunity to transform business for good. **Sustainability**, v. 12, n. 19, 2020.

LUDEMA, J. D.; FRY, R. E. The practice of appreciative inquiry. In: P. Reason & H. Bradbury (Eds.), **The Sage Handbook of Action Research: Participative inquiry and practice**. Thousand Oaks: Sage, 2008.

LUNDGREN, M.; JANSSON, H. Developing international business knowledge through an appreciative inquiry learning network: Proposing a methodology for collaborative research. **International Business Review**, v. 25, n. 1, p. 346-355, 2016.

LUSTIG, P.; RINGLAND, G. The role of appreciative inquiry in meeting the challenges of the next

decade. **Revista de Cercetare si Interventie Sociala**, v. 30, p. 77, 2010.

LUTHANS, F.; YOUSSEF, C. M. Emerging Positive Organizational Behavior. *Journal of Management*, v. 33, n. 3, p. 321–349, 2007.

MAITLIS, S.; CHRISTIANSON, M. Sensemaking in organizations: Taking stock and moving forward. *Academy of management annals*, v. 8, n. 1, p. 57-125, 2014.

MARKARD, J.; RAVEN, R.; TRUFFER, B. Sustainability transitions: An emerging field of research and its prospects. *Research Policy*, v. 41, p. 955-967, 2012.

MOORE, M. L.; OLSSON, P.; NILSSON, W.; ROSE, L.; WESTLEY, F. R. Navigating emergence and system reflexivity as key transformative capacities: experiences from a Global Fellowship Program. *Ecology and Society*, v. 23, n. 2, 2018.

MORIGGI, A. An Ethos and Practice of Appreciation for Transformative Research: Appreciative Inquiry, Care Ethics, and Creative Methods. In: FRANKLIN, A. Co- Creativity and Engaged Scholarship. *Transformative Methods in Social Sustainability Research*. Coventry: Palgrave Macmillan, 2022.

MORIGGI, A.; SOINIB, K.; FRANKLIN, A.; ROEP, D. A Care-Based Approach to Transformative Change: Ethically- Informed Practices, Relational Response-Ability & Emotional Awareness. *Ethics, Policy & Environment*, v. 23, n. 3, p. 281–298, 2020.

NILSSON, W. O. Positive Institutional Work: Exploring Institutional Work through the Lens of Positive Organizational Scholarship. *Academy of Management Review*, v. 40, n. 3, p. 370–398, 2015.

NILSSON, W.; PADDOCK, T. Social innovation from the inside out. *Stanford Social Innovation Review*, v. 12, n. 1, p. 46-52, 2014.

NYAUPANE, G. P.; POUDEL, S. Application of appreciative inquiry in tourism research in rural communities. *Tourism management*, v. 33, n. 4, p. 978-987, 2012.

OLIVIERI, F. La supervisione dei professionisti socio-educativi: un modello integrato. *Lifelong Lifewide Learning*, v.16, n. 2, p. 103-114, 2020.

OXENDINE, S. D.; ROBINSON, K. K.; PARKER, M. A. Transforming departmental culture: Empowering a department through appreciative inquiry. *To Improve the Academy: A Journal of Educational Development*, v. 41, n. 2, p. 161-185, 2022.

PALM, K.; LILJA, J. On the road to Agenda 2030 together in a complex alliance of Swedish public authorities. *Environment, Development and Sustainability*, n. 23, p. 9564–9580, 2021.

PAWSON, R.; BOAZ, A.; GRAYSON, L.; LONG, A.; BARNES, C. Types and quality of social care knowledge. Stage two: Towards the quality assessment of social care knowledge. In: ESRC UK Center for Evidence Based Policy and Practice: Working Paper, n. 18, p. 1-31, 2003.

PRIEST, K. L.; KAUFMAN, E. K.; BRUNTON, K.; SEIBEL, M. Appreciative Inquiry: A Tool for Organizational, Programmatic, and Project-Focused Change You are here. *Journal of Leadership Education*, v. 12, n. 1, p. 18-33, Winter 2013.

RICHARDS, J. Storytelling in Appreciative Inquiry. Master of Arts in Reading with a concentration in Storytelling (Thesis), Department of Curriculum and Instruction East Tennessee State

University, 2012.

SEELOS, C.; MAIR, J. What Determines the Capacity for Continuous Innovation in Social Sector Organizations? PACS Report to the Rockefeller Foundation, 2012.

SEELOS, C.; MAIR, J.; TRAEGER, C. The future of grand challenges research: Retiring a hopeful concept and endorsing research principles. *International Journal of Management Reviews*, v. 25, n. 2, p. 251-269, 2023.

SHARP, C.; DEWAR, B.; BARRIE, K.; MEYER, J. How being appreciative creates change—theory in practice from health and social care in Scotland. *Action Research*, v. 16, n. 2, p. 223-243, 2018.

SOUZA, L. V.; McNAMEE, S.; SANTOS, M. A. Avaliação como construção social: investigação apreciativa. *Psicologia & Sociedade*, v. 22, p. 598-607, 2010.

VAN OSCH, W.; AVITAL, M. From Green IT to Sustainable Innovation. *Proceedings of the Sixteenth Americas Conference on Information Systems*, Lima, Peru, August 12 - 15, 2010. [... Annals...].

VELAND, S.; SCOVILLE-SIMONDS, M.; GRAM-HANSEN, I.; SCHORRE, A. K.; EL KHOURY, A.; NORDBØ, M.J.; LYNCH, A.H.; HOCHACHKA, G. BJØRKAN, M. Narrative matters for sustainability: the transformative role of storytelling in realizing 1.5C futures. *Current Opinion in Environmental Sustainability*, n. 31, p.41-47, 2018.

VERLEYSEN, B.; LAMBRECHTS, F.; VAN ACKER, F. Building psychological capital with appreciative inquiry: Investigating the mediating role of basic psychological need satisfaction. *The Journal of Applied Behavioral Science*, v. 51, n. 1, p. 10-35, 2015.

WATKINS, J. M.; COOPERRIDER, D. Appreciative inquiry: A transformative paradigm. *OD Practitioner*, v. 32, n. 1, p. 6-12, 2000.

WATKINS, S.; DEWAR, B.; KENNEDY, C. Appreciative Inquiry as an intervention to change nursing practice in in-patient settings: An integrative review. *International Journal of Nursing Studies*, v. 60, p. 179-190, 2016.

WHITNEY, D.; GIBBS, C. Appreciative inquiry. *OD Practitioner*, v. 38, n. 4, p. 46- 51, 2006.

WHITNEY, D. K.; TROSTEN-BLOOM, A. The power of appreciative inquiry: A practical guide to positive change. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 2010.

WIEK, A.; LANG, D. J. Transformational sustainability research methodology. *Sustainability science: An introduction*, p. 31-41, 2016.

WIEK, A.; NESS, B., SCHWEIZER-RIES, P.; BRAND, F. S.; FARIOLI, F. From complex systems analysis to transformational change: a comparative appraisal of sustainability science projects. *Sustainability Science*, n. 7, (Suppl 1), p. 5-24, 2012.

WITTMAYER, J. M.; BACKHAUS, J.; AVELINO, F.; PEL, B.; STRASSER, T.; KUNZE, I.; & ZUIJDERWIJK, L. Narratives of change: How social innovation initiatives construct societal transformation. *Futures*, n. 112, p. 102433, 2019.

YUDARWATI, G. A. Appreciative inquiry for community engagement in Indonesia rural communities. *Public Relations Review*, v. 45, n. 4, p. 101833, 2019.

ZANDEE, D. P.; COOPERRIDER, D. L. Appreciable Worlds, Inspired Inquiry. In: Peter Reason e Hilary Bradbury (Eds.), The SAGE Handbook of Action Research. London: SAGE Publications Ltd., 2008.

ZANDEE, D.; VERMAAK, H. Designing appreciative inquiry as generative process of organizational change: Stretching the practice of this dialogic approach. In: 10º International Conference on Organizational Discourse. Conferência. Amsterdam. 2012. [...Annals...]

ZOLL, S.; FEINBERG, N.; PINHEIRO, B.; SEVEY, L. Found in Oz, the Ruby Slippers to Embracing Digital Classrooms through Appreciative Inquiry. **Planning & Changing**, v. 50, n. 34, p. 237–256, 2021.

Recebido em 02 de fevereiro de 2024.

Aceito em 30 de abril de 2025.